

w – estava lendo o alexei bueno ontem. tem boa verve, uma musicalidade mordente, perturbadora. sons e imagens em profusão. cria ambientações estranhas, sombrias, funestas, obscuras, fantasmagóricas...

fa – bolorentas

w – como?

fa – bolor, mofo. o homem é mesmo bom, tem talento, mas faz poesia como no fim do século xix, como um simbolista, um neo-simbolista. pelamordedeus, estamos no século xxi, a metafísica não responde, a grafia se eletrifica e ele criando atmosferas de mistério-romântico-simbolistas, se espantando com os abismos da almahumana, da vida e da morte, fazendo poesia profunda, ah vai

w – ora, mas boa parte do bom modernismo não deixa de ser uma espécie de regressão criativa ao passado, de evocação do ser, de uma metafísica destruída (make it new, pound, eliot, jorge de lima). por ser regressão não quer dizer q seja bolorento. a tradição literária, religiosa e metafísica que jorge de lima recupera na invenção de orfeu é absolutamente atual, tratada por uma perspectiva de nosso tempo e que nos interessa. além do mais a poesia de hoje não é a da abertura total? não é a da possibilidade de recuperar e se ligar a qualquer tradição, de ler a tradição como a um dicionário, como uma sincronia à disposição do agora? ora, o alexei recupera o simbolismo, o romantismo, os gregos, os mitos gregos. é pós-moderno

fa – tudo tem o seu tempo. o modernismo é a crise máxima, talvez última (e certamente exuberante) da literatura. a literatura, até o advento romântico se moveu num espaço disciplinado pela metafísica, pelo controle que o ser impunha à letra. na europa, a subjetividade e a historicidade romântica romperam com estes grilhões metafísicos impostos à ficção literária

w – mas o sujeito e mesmo a história não acabam por se tornar abismos transcendentais, explicadores finais? a literatura deixa de ser espelho do ser e passa a ser expressão do sujeito ou representação da sociedade. não se está apenas mudando a verdade de fundo que a forma literária vai imitar, fazer a mimese?

fa – sim, sim. o sujeito e a sociedade acabaram, na maior parte das vezes, fundando outras metafísicas, outras verdades de fundo. mas o importante foi que a subjetividade e a história foram um gesto de rompimento com o ser, com o universal. o acontecimento da ruptura, o limiar do classicismo. depois desta primeira ruptura, nunca mais se respeitará a metafísica, mesmo as modernas. se se pode matar deus, por que não atacar também as verdades de fundo subjetivo e social?

w – e o q o modernismo tem a ver com isto?

fa - o modernismo recupera esta dupla tradição (a clássica, de fundo metafísico e a romântica, histórico-subjetiva) e as leva a seu limite de entropia. fode com ambas. estraçalha as metafísicas do ser, do sujeito, da história. funda outras metafísicas, é verdade

zp – as metafísicas do fragmento, do sujeito, da história e da forma fragmentados e atormentados pelo fantasma de sua unidade. mas estas metafísicas modernistas já nascem prontas para morte, natimortas. o modernismo estraçalha o sistema literário e seus valores, mas isto ainda é metafísica e é por isto que há espaço para as maravilhas de um eliot, um

pound, um bandeira, um murilo, um jorge de lima, maravilhas paradoxalmente nostálgicas e revolucionárias, universalistas e particularistas, desejando um monstro ao mesmo tempo uno e fragmentário

fa – a literatura q aprendemos na escola é o sistema literário do candido, aquele bruxo fdp. no eixo sincrônico do sistema: público, escritores, linguagem estética comum. no eixo diacrônico a tradição que se forma com a sucessão temporal dos quadros sincrônicos. a tarefa modernista é estraçalhar este sistema, é levar a tradição da ruptura ao limite último da entropia e fazer deste limiar uma (anti)metafísica dos restos que sonham o uno original ou teleológico, sabendo da impossibilidade deste sonho. então jorge de lima estava dentro do seu tempo, ele estava estraçalhando deus, o sujeito e a história com a invenção de orfeu, aquela épica caótica, épicas

zp – e fazendo desta fragmentação a sua metafísica, a sua mitologia

w – e o alexei continua este trabalho de fragmentação, mesmo pq sua poesia é menos crente q a de jorge de lima, o homem para ele é coisa terrena

fa – e daí? q q adianta ser nietzscheano com aquele vocabulário simbolista, altissonante, aquele tom cheio de gravidade, aquela reverência à tradição literária, aquela sacralização da poesia, com suas evocação do mistério (com maiúscula) da vida, suas nostalgias do ser, da eternidade, com todo aquele bolor metafísico enfim? tem tanto motivo pra ficar triste neste mundo, pq recorrer ao sofrimento universal do humano? é isto q ele faz, poesia das dores eternas, do doloroso espírito eterno dos homens, amém

zp – se me apresentassem a poesia medida do alexei e não dissessem qdo ela foi escrita eu teria elementos para afirmar que ela é anterior à de jorge de lima. que ela é da passagem do século xix para o xx

w – ora, daqui a quinhentos anos não vai haver muita diferença entre 1990 e 1890.

fa – vc não entende. o tempo, a duração não é linear assim. há mais semelhanças entre a poesia de petrarca e a do século xix do que entre esta e a do século xx. a primeira metade do século xx, o modernismo, é uma virada, um limiar decisivo no sistema literário. fazer poesia do século xix no agora é estar fora do nosso tempo, não tem sentido. há retornos q não têm sentido. por exemplo, fazer épica à moda clássica no século xvii e xviii não tinha mais sentido, não dava mais pé, o mundo precisava de outra forma narrativa, precisava do romance

zp – o Mário de Andrade faz uma crítica, por ocasião do lançamento de um livro, acho que do Alphonsus de Guimaraens Filho, que se aplicaria por completo ao alexei (q aliás gosta do Alphonsus Filho), ele critica o uso de uma linguagem de fundo simbolista, eivada de mistérios e figuras do novecentos. Mário acusa a impropriedade de uma linguagem dessas, desse retorno reacionário em pleno século xx. não precisamos de uma nova poesia do mistério profundo, dos cemitérios simbolistas: vivemos na cidade elétrica, na idade do chip, nossos cemitérios são os ferros velhos, os lixões infestados, as tumbas catalogadas no computador

w – mas o alexei poetiza as ruas, os carros, as máquinas de hoje tbém

fa – mas fica parecendo uma ampulheta, tudo toma a forma das antigas máquinas mecânicas, doiradas com um revestimento de ser e universalidade, de bolor (um computador de bolor)

w – mas isto não deixa de ser uma força, uma força perturbadora, revestir tudo em ser/bolor

fa – sai dessa, tem mesmo gosto pra tudo, se isto te fascina tudo bem, fazer o q? mas não vá tomar esses caminhos para trás, nada de nostalgias, permaneça dentro do seu momento

zp – e a questão não é só tematizar, vc sabe muito bem disso. a questão é como a máquina da poesia se conecta com a vida, com as pessoas e as coisas, com as outras máquinas poéticas do passado. há poesia q trata de assuntos antigos, de coisas antigas e que é absolutamente contemporânea

fa – o leminski q vc anda revirando p exemplo.

w – o de metamorfose? dos mitos gregos?

fa - sim, quer tema mais originário que a mitologia? mais metafísico?

zp – e quer tratamento mais contra-metafísico que o do leminski?

fa – a mitologia, grafada por hesíodo e homero, está no limiar da metafísica, no limiar da literatura, pois a literatura como sistema se confunde com a metafísica. a metafísica subordina, doma o ímpeto literário, que é o ímpeto da escritura, da escrita. o ser tem q domar, q fazer a literatura se tornar uma analogia sua: é aí que nasce a literatura profunda, das sondagens do ser.

zp – o nascimento da literatura profunda se confunde com o nascimento da literatura. mas não é pq a literatura é, por natureza, profunda. é justamente o contrário. a literatura tem a potência de explodir com o ser, de fuder com deus. por isto é preciso, desde o começo, domar a escrita estética, disciplinar a efusão dos poetas

w – mas é só através da escrita q a metafísica é possível. é a permanência e a reprodutibilidade da letra na pedra/pergaminho/papiro que permite a fixação duradoura e clara de conceitos e argumentos

zp – sim, sem a máquina da escrita fônica a metafísica não seria possível. mas esta permanência da letra ao longo do tempo tem seus perigos também. a escrita escapa, no espaço e no tempo, do controle da mão q a grafou, da voz que a 'disse'. ela passa ao domínio de todo mundo, da interpretação, da versão, do simulacro

fa – então a tarefa da metafísica é fazer a escrita ser um reflexo do ser, dizer o ser, o sentido verdadeiro. platão soube de imediato do problema, da necessidade de domar a escrita, de impedir q ela diga o simulacro, forçando-a a dizer a idéia, a origem, a verdade

zp – por isto a expulsão dos poetas da república. a arte da escrita libera o poder da diferença, do simulacro da escrita. o poeta é um ilusionista, um perverso, um pérfido, um mentiroso: ele joga com a interpretação, com o sentido precário, com a remissão infinita do sentido. na literatura só há sentidos precários, duplos, triplos, ziplos sentidos, nunca o sentido profundo

zp – os cismas da igreja, os concílios, as fogueiras tinham sua razão platônica: só há uma verdade possível no texto bíblico, uma voz apenas. a leitura equivocada era a fabricação do simulacro a partir da voz de deus, era coisa do demônio, sem dúvida. se a letra era a voz de deus, a verdade de deus, quem lia errado estava possuído pela maldade e nada mais justo que a purificá-lo com o fogo. deus não é poeta, é legislador.

fa – quanto à literatura e ao perigo da escrita que ela liberava, era necessário fazê-la dizer o ser, dizer o profundo: torná-la uma espécie de bíblia com ornamentos. domar a letra, fundar uma tradição da analogia e fazer a metáfora e o símbolo dizerem uma verdade de fundo, a verdade de deus: a literatura tinha q ser um espelho da natureza, tinha q ser uma forma de deus

w – e como ficam o alexei, o leminski e os mitos no meio disso tudo?

fa – a mitologia grega está no limiar da escrita fônica, no limiar de instauração do pensamento metafísico na grécia antiga. as fábulas míticas, a rigor, estão aquém, desconhecem a metafísica, mas foram incorporadas no sistema literário a partir da leitura de homero e hesíodo. foram postas pra dentro dos limites metafísicos, como origem da cultura ocidental, como saber das origens ou, pelo menos, como modelo coletivo para a imaginação dos poetas ocidentais: todos tinham q saber mitologia. e a mitologia era a metáfora dos grega para a alma humana, para a verdade de deus

zp – o que faz o alexei? continua esta tradição, cita os mitos dentro da literatura profunda, com toda a gravidade, o respeito, a devoção que se deve ter com este saber das origens

w – mas ele não faz isto dentro do nosso contexto contemporâneo?

zp – sim, e faz nosso mundo já quase pós metafísico, nosso mundo q vislumbra um possível além-metafísico, se dobrar a uma perspectiva metafísica milenar. o alexei é um sábio da tradição, um olhar de sábio: veja como nossa alma é a mesma desde os gregos, como eles já sabiam tudo de nós. como se os mitos já tivessem sondado toda a verdade profunda da almahumana

fa – bolor, impregna nosso mundo com o bolor das múmias metafísicas. no fim das contas a alma contemporânea já era prevista pelos gregos. afinal de contas o homem não é um só? seu espírito, suas dores, sua mortalidade, sua perfídias, suas virtudes não são universais? mesmo quando alexei insinua uma anti-metafísica dos fragmentos o bolor da unidade, a nostalgia do ser está ao fundo, encharcando a vida de profundus mystereo eterno. bolor

w – e o leminski?

zp – o leminski, com toda aquela falta de sutileza, aquela mão pesada dele, faz coisa bem diferente: une os dois limiares, pré e pós-metafísico. ele flagra a mitologia no seu limiar pré-metafísico (que, de certa forma, era o seu estatuto social de saber oral) e faz a ponte deste aquém com o além metafísico que se insinua entre nós desde o século xix - e se insinua de maneira cada vez mais aguda

fa – o leminski tem fascínio pelos mitos, mas não reverência. a mitologia, pra ele, não é origem de nada, já é profusão escritural, já é meio, movimento sem fim na duração. o que torna o mito universal e nos vincula a ele não é o fato do mito ser a raiz de nossa cultura, mas o fato de que tanto o mito quando os saberes de agora, de qualquer época afinal, são uma ‘mesma’ escritura diferida sem fonte e sem foz, uma disseminação de singularidades no tecido caógeno e coletivo da mente (alma?) humana

zp – e sem transcendência. o mito não diz a voz de deus, nem de um espírito humano uno e universal, não é a forma de nenhum ser. leminski não faz as fábulas se curvarem a um sentido oculto, a uma moral de fundo, à voz do ser (mesmo q seja o ser humano terreno e mortal). ele libera a potência da escritura, a potência da imanência (a potência da diferença, do diabo, pois

o diabo é o agente da corrupção do ser) justo no território mais sagrado e transcendental da literatura ocidental, que é a sua origem mítica: hesíodo, homero, os clássicos greco-romanos

w – ele não faz literatura profunda

fa – não. a literatura profunda é um bolor, tenho alergia a ela, sou um espírito profundissimamente asmático. os brasileiros da primeira metade do século xx, que pensaram e fizeram uma literatura com motivações subjetivas, históricas, formalistas, temos que destruir seus edifícios, pois acabaram fazendo transcendência por outras vias, mas temos sobretudo q agradecerê-los todos os dias por lutarem contra o bolor metafísico. eles foram os primeiros a se bater contra as profundezas, contra esta submissão da literatura ao bolor universal

zp – mário de andrade (morte aos mestres do passado), oswald, drummond, cabral, concretos, etc, louvemos a eles e sua luta intestina contra as entranhas do espírito. eles abriram o caminho, fizeram o q puderam e fizeram demais, mesmo que o sujeito, a história e a estrutura se convertessem em novos abismos metafísicos, novas leis transcendentais, eles nos ensinaram a não se dobrar mais, a liberar a potência da escrita contra o ser. um viva a eles!

fa – viva!

w – viva! vcs fizeram um poema?

zp – o fa fez. um poema é o melhor a fazer, diz o q há pra dizer em poucas linhas. pouparia a todos desta ladainha sem fim:

os profundos
e suas graves sondagens
das sutilezas ocultas da almahumana
putaquepariu nossasenhora dos abismos de pandora
a única profundez que almejo
é a das bocetas das sen
horas